

Collecção Silva Vieira



TRADIÇÕES MAIATAS

POR

Cândido Augusto Landolt

(2.^a edição)



ESPOSENDE
Livraria Espozendense

EDITORA

1924

Este livro é propriedade do editor, cujos
direitos adquiriu do uuctor.



Antes das tradições

UEM ler o titulo d'este volume—Tradições Maiatás—e julgar que vae encontrar photographados os costumes populares da Maia, engana-se. Essa grande area de terreno que abrange alguns concelhos desde os limites da cidade do Porto á margem esquerda do Ave, e chamada popularmente MAIA,



ESPOZENDE
TYP. ESPOZENDENSE

1924

bem explorada, enchia não uma pequena porção de in-folios, mas uma grande quantidade de volumes do tamanho d'um missal.

No entanto, se não é, como desejam, um grosso album, são apenas simples apontamentos que um acaso feliz me pôde proporcionar.

Eu explico:

N'uma tarde tempestuosa de Novembro de 1885, appareceu em minha casa um pobre mendigo pedindo agasalho que não podia, com as bategas do Sul, caminhar para a Maia. Mandei-o sentar-se e dei-lhe vinho, pão e azeitonas. O homemzinho principiou a encontrar-se bem disposto e fallava desembaraçadamente, «pelos sete cotovelos»! Principiei de puxar-lhe pela lingua e o pobre disse o que

quize enquanto estive para me aturar. Depois, dando boas noites, seguiu rumo, e eu fiquei a capitular o que os leitores vão ler.

Povoa de Varzim, 24 de
Julho de 1891.

Candido Ab. Landolt.



Orações populares

3

QUANDO VAI O SENHOR FÓRA (1)

Já o sacrario está aberto,
Já o Senhor anda fóra,
Vai visitar uma alma,
Q'uestá para s'ir embora.
A' porta das almas santas,
Bate Deus a tod'á hora,
Tambem bate ager'á minha,
— «Senhor, que quereis agora?»

(1) A algum enfermo.

—«Quero que vos prepareis,
— Que venhaes par'á gloria.»
—«Muito me peza Senhor,
— Por não estar preparado,
— P'ra vos ir acompanhar!»



DEPOIS DE NOS CONFESSARMOS

Minha nula confissão,
Meus peccados tantos são,
Nunca foram confessados,
Nem a padre nem a frade,
Nem a bispo cardeal;
Confesso-os a vós Senhor,
Que sabeis o q'elles são,
Confessai-me e perdoai-me,
E deitai-me absolvição.
Vou beijar a santa pedra,
P'ra q'a minh'alma se não perca;
Vou beijar a santa cruz,
P'ra q'a minh'alma veja a luz;
Salvação p'r'as nossas almas
Alcançar o hom Jesus.



A' MESA DA COMMUNHÃO

N'esta casa santa entro,
Me encommendo a Deus.
E aos santos q'estão dentro,
Onde 'stá o calix bento,
E a hostia consagrada,
Sepultura p'ró meu corpo,
Salvação p'r'á minha ama.
Cuidados do mundo,
Ficai lá fóra,
Que eu quero adorar
O Senhor, agora.
O'ra vinde, vinde,
Fidalgo amado,
Com as armas,
De N. S. Jesus Christo;
Benzei-vos a vós.
Benzei-me a mim,
Bem dita sej'á hora,
Em que eu nasci.
A esta meza me chego,
A esta meza real,
O coração se me alegra,

Ao ver tão bello manjar.
Que manjar tão excellente,
Que vem das mãos do Senhor,
O peor são os peccados,
Que não disse ao confessor;
Mas digo-os a vós Senhor.
Que sabei-l'os q'elles são, (1)
Confessai-me e perdoai-me,
Deitai-m' absolvição.
Vou beijar a santa pedra,
P'ra q'a minh'alma se não perca;
Vou beijar a santa cruz,
P'ra q'a minh'alma veja a luz;
Salvação p'r'ás nossas almas
Alcançar o bom Jesus.

IV

PARA QUANDO O SS. ENTRA EM CASA
DO ENFERMO

Abramos as portas,
Que ahi vem Jesus,

(1) Que sabeis (l') os q' (ue) elles são.

Com os braços abertos,
Pregados na cruz.
Senhor que vindes
Como presidente,
Salvai a alminha,
D'aquelle doente.

V

PARA QUANDO SE PASSAR POR UMA
IMAGEM

Coração do meu Jesus,
Doce eterno lanceado,
Seja o meu amor no vosso,
Cada vez mais abrazado.

VI

ANTES DE COMMUNGAR

Vinde, vinde meu Jesus,
Vinde, vinde não tardeis;
Tomai posse da minh'alma,
Nunca vos d'ella aparteis.
Alegra-te minha alma,

Recolhe-te meu espirito,
Que estás para receber,
Nosso Senhor Jesus Christo.

VII

DEPOIS DA COMMUNHÃO

Senhor, da minha bocca fizestes porta,
Da minha lingua altar,
Da minha garganta escada,
Do meu coração assento,
Bendito e louvado seja
O Santissimo Sacramento.

VIII

DE CASA PARA A EGREJA

Fica-te com Deus
Casa do mundo,
Por que eu
Para a casa de Deus vou,
Tantos anjos m'acompanhem
Como de passos eu dou.

IX

PARA NOS DEFUMARMOS EM JEJUM

Jesus, nome de Jesus,
Assim como a Virgem Nossa Senhora,
Deu os pannos de seu amado filho a
cheirar,

Assim me defume a mim,
Para eu sarar.
Em louvor das tres pessoas,
Da Santissima Trindade,
Se ellas quizerem como podem,
D'onde este mal veio,
P'ra la torne.

X

AO DEITAR DA CAMA

N'esta sepultura me deito,
Na sepultura dos vivos,
Para dormir e descansar,
Se a morte vier por mim,
E eu não lhe possa fallar,
Meu coração diga tres vezes:
Jesus, Jesus, Jesus do meu coração,

Toca a reza os anjos *atangem*,
Christo adore a venturosa alma,
Que se deita n'esta hora,
Deus na cama, Deus no leito,
E no cantinho onde m'eu deito.



PARA AJUDAR A BEM MORRER

Amor de Deus põe-te firme na fé,
Nosso Senhor Jesus Christo contigo e,
Morreras e passarás
No campo de Joaphás
Lá te apparecerá o inimigo
E elle te perguntará:
—Que signaes de Christo levas?
—Uma bella branca accesa na mão
Arreda de mim Satanáz,
Parte na minh'alma não terás.
Dia de Santa Cruz de Maio,
Cem vezes me ajoelhei.
Cem vezes me perseguei,
Cem Avc-Marias rezei,
Cem vezes o chão beijei,
E a minh'alma aproveitei
A N. Senhor Jesus Cristo a entreguei.



ORAÇÃO A NOSSA SENHORA

Encontrei Nossa Senhora,
C'um ramo d'ouro na mão,
Eu pedi-lhe um bocadinho,
Ella disse-me que não.
Eu tornei-lh'o a pedir,
Ella deu-me o seu cordão;
O' meu padre S. Francisco,
Vós benzei-me este cordão,
Que m'o deu Nossa Senhora,
Quinta feira d'Assumpção,
Que lhe dêsse doze voltas
Ao redor do coração.
D'um lado está S. Bento,
D'outro lado S. João,
No meio 'stá o retrato,
Da Virgem da Conceição.

O PADRE NOSSO PEQUENINO

Padre-Nosso pequenino,
Set'anjinhos vão comigo,
Sete livrinhos a lér,
Sete velinhas 'arder,
Cruz em monte,
Cruz em fonte.
Nunca o Diabo
Comigo encontre.
Nem de noite,
Nem de dia,
Nem ao pino
Do meio dia,
Já os gallos cantão cantão,
Já os anjinhos se levantão,
Já o Senhor subiu à cruz,
Para sempre amem Jesus.

ORAÇÃO DO PEREGRINO

Oração do *pelingrino*,
Quando Deus era menino,
Poz o pé no seu altar,
O sanguinho a pingar,
Tente, tente Magdalena,
Não me queiras alimpar;
Isto são as cinco chagas,
Que nós temos de passar,
Pelos mortos, pelos vivos,
P'ra nos remir e salvar.





ANEXOS

Alguns tradicionalistas têm publicado varias versões do Padre-Nosso pequenino; eu, tambem colhi duas versões no Porto, mas ainda as não publiquei.

Agora que se me offerece a occasião vou fazer alguma luz no assumpto, isto é vou publicar todas as versões que ao meu conhecimento chegam do Padre-Nosso Pequenino.

Em 1885, prometteu a *Revista do Minho*, publicar varias ver-

sões que conhecia a respeito do
Padre-Nosso pequenino, mas in-
felizmente até hoje ainda não
publicou senão uma de Barcel-
los e duas dos Açores.

Eilas:

Padre nosso pequenino,
Quando Deus era menino,
Que punha os pés no altar,
O sanguinho a pingar,
Lá vem Santa Magdalena,
C'ô seu lenço de calor,
Para limpar o Senhor;
—Tente, tente, Magdalena,
Não me temas d'alimpar,
Q'estas são as cinco chagas
Que por mim tem de passar;
Pequeninas e grandes,
Todas se hão de salvar.

(Barcellos).

Padre posso pequenino
Jesus-Christo meu padrinho,
Que me fez a cruz na testa,
O *demónio* que *nã* m'attente
Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio dia.

Padre nosso pequenino
Deus me leve a bom caminho
Jesus-christo m'encontrou,
Nos seus braços me tomou,
Sua cruz me poz deante
O *demónio* não m'atente,
Nem de dia nem de noite,
Nem ao pino do meio dia
O anjo da minha guarda
Seja a minha companhia.

Esta oração parece estar de
accordo com a *oração do pere-*
grino. da Maia.

Eis a seguinte versão do Por-
to que em criança aprendi:

Padre-Nosso pequenino
Quando Deus era menino
Que andava a pé pelo mundo
Tanto sangue le escorria
Pelas mãos e pelos pés
Encontrou santa Magdalena
Com a toalhinha de flores
Para alimpar o Senhor
O Senhor que lhe dissera

Não me quero alimpar
Estas são as cinco chagas
Que eu tenho de passar
Vai atras d'aquelle outeiro
Que lá está um phariseu
S'elle te disser que não
Puxa pelo cutellinho
Remalha-lo coração
Ali vão as trez Marias
Todas tres a caminhar
Em busca de Jesus Christo
Não o puderão achar
Foram-n'o achar em Roma
Revestido no altar
Missa nova quer dizer
Missa nova quer cantar
O' que missa tão gaiente
Que até ao céu ha de chegar.

Eis outra versão do Porto:

Padre-Nosso pequenino
Sete anjinhos vão commigo
Sete candeias a alumiar
Sete livrinhos a rezar
Nosso Senhor é meu padrinho
Nossa Senhora é minha madrinha
Que me fez a cruz na testa

P'ró Diabo não m'inpeça
Nem de noite nem de dia
Nem ao pino do melo dia
Já os galos cantão cantão
Já os anjinhos se alevantão
Nosso Senhor subiu à cruz
Para sempre amem Jesus.

Esta versão parece evidentemente ser a da Maia.

O meu amigo e sabio ethnographo o ex^{mo} snr. dr. J. Leite de Vasconcellos, fazendo uma apreciação litteraria ao n.º 10, vol. II, da *Mélusine, revue de mythologie, littérature populaire, traditions et usages*; revista parisienne correspondente a 5 de Janeiro de 1885, entre outras considerações diz:

.....
O n.º 10, que, como todos os antecedentes, eu devo á benevola amizade dos seus redactores, occupa-se dos seguintes assumptos:

1) *Prières populaires de Bri-
ves.*

Compreende-se aqui varias orações escriptas em dialecto baixo-limosino, entre ellas a *Pétit Pater*, ou, como nós dizemos, o *Padre Nosso pequenino*. Já no vol. I da *Mélusine* col. 525, se allude ao *Pater le blanc* e ao *Pater petit*. O sr. Reinhold Köhler, in *Anglia*, bd. II, allude tambem á mesma oração, ao fazer a critica bibliographica da revista ingleza *The Folk-Lore Society*, I. Em Portugal ha diversas versões do *Padre nosso pequenino*; aqui dou uma que muitas vezes ouvi em creança na Beira Alta, minha patria.

Padre-nosso pequenino,
Quando Deus era menino
Tinha as chaves do Paraizo:
Quem lh'as deu, quem lh'as daria?
Foi a virgem-Maria.
Cruz no monte, cruz na fonte,
Nunca o Diabo me encontre,
Nem de noite, nem de dia
Nem á hora do meio-dia.

Isto não é verdadeiramente uma oração: no entanto as creanças, que são quem mais o diz, tem por este Padre-nosso grande veneração.

Subordinada á rubrica *Benedicte Christ* vem uma oração que se diz ao deitar da cama e que começa (trad. em francês):

Dans mon lit je vais mettre,
Sept anges je vais y trouver,
Trois au fond,
Trois au haut,
Te bon Dieu est au milieu.

Póde comparar-se com esta a seguinte que uma mulher de Vimieiro (margens do Douro) me ensinou:

Nesta cama me deitei,
Set'anginhos nella'áchei
Tres aos pés, quatro á cabeceira
Nosso Senhor na diênteira
E el'-me dixe:—dorme e repousa,
Q'eu te librarei de má cousa
Até á hora da tua morte. Amã.

.....
Por achar curioso vou publicar aqui 3 versões que colhi, 2 de Barcellos e 1 do Porto, que parece relacionar-se com a que publicou o sr. Leite de Vasconcellos.

Eilas:

- a** Nesta cama me deitei
Sete anjinhos n'ell'achei
Tres aos pés, quatro á cabeceira
Que me pôs a cruz na testa
P'ró Diabo não m'impeça
Nem de noite nem de dia
Nem ao pino do meio-dia.
Padre-Nosso Ave-Maria.

(Barcellos)

- b** Com Deus me deito
Com Deus m'alevento
Com a graça de Deus
E do Divino Espirito Santo
Se elle bem coberto fôr
Num tenho medo nem pavôr
Nem susto que má fôr.

(Barcellos)

- c** Com Deus me deito
Com Deus m'alevento
Com a graça de Deus
E do divino Espirito Santo
Nosso Senhor me cubra
Com o seu divino manto
S'eu dormir accordai-me
Com as quatro velas bentas
Da Santissima Trindade.

(Porto)

Ha no Porto a seguinte tradição que parece assemelhar-se á primeiro oração da Maia; ei-la:

*

*

*

Bemdito e louvado seja
O Santissimo Sacramento
Da Eucaristia.
Fructo do ventre sagrado
Da Virgem purissima
Santa Maria.

Santa Maria
Mãe da piedade

Pedi ao Senhor
Pela christandade.

Pela christandade
Não sei eu pedir
Não sou merecedora
Do Senhor m'ouvir.

.....
Luminarias á janella
Que vae sahir o Senhor fóra
Vai visitar ãa alminha
Que vai para a gloria.



Advinhas populares

Torcida,
Lambida,
No cú metida?

Agulha.

São muitas damas eguaes
Quatro familias formamos
Temos entrada no Paço
Com toda a gente nos damos.

Cartas de jogar.

O filho nicó-nicó
Não tem pé, nem cù, nem bico
Mas o pai do nicó-nicó
Já tem pé, cù e bico.

O pintainho.

A' meia noite se levanta o francez,
Sabe da hora e não sabe do mez
Tem esporas não é cavalleiro
Grabata na terra não acha dinheiro.

O gallo.

O do verde verdinhado
Antr'as pernas apertado
Apertai-o com a mão
E meteio no buracão.

O barredoiro.

Uma caza com quatro cantos
Cada canto com seu gato
Cada gato com tres adiante
Quantos gatos são?

Dezesseis gatos.

Tenho:
Antr'as pernas um engenho
D'aqui como, d'aqui bebo
D'aqui pago a quem devo.

Sapateiro.

Q'al é a coisa q'al è ella
E' dita de má suspeita
Mas 'stá deitada de costas
Com a ferramenta direita?

Trez de cada vez
De cada vez trez
Sete cada noite
E uma cada mez.

O cedeiro.

Dona branca repinpada
Vai o barbudo
Dá-lhe uma bofetada.

O pincel.

Uma caixinha de bem parecer
Nenhum carpinteiro a póde fazer
Só Deus Nosso Senhor do cèu
E' que teve esse pudêr.

A voz.

Q'al é coisa q'al é ella
Quem a dá fica com ella
Quem a não dá fica sem ella?

A topada.

Q'al é coisa
Tira-se a cova
E fica a cepa?

O chapen.

Uma meia, meia feita
Outra meia por fazer
Diga lá minha *sinhora*
Quantas meias vem a sêr?

Metade.

Pinho sobre linho
Em cima de pinho linho
Em cima de linho flores
E de roda amôres
Advinhai *sinhores*.

A meza.

Nasce branca adormecida
Sendo preta a sua côr

Furta sem temer de ninguem
E foge sem ser persentida.

A formiga.

Q'al é coisa q'al é ella
Uma *sinhora* muito aninhadora
Com mais de mil romendos
Sem uma puntada.

A gallinha.

Nós somos dois *irmãsinhos*
Ambos d'uma mãe nascidos
Diferentes em condição
Para bodas e baptisados
A mim me procurarão
Para gostos da *cosinha*
Chamem lá por meu irmão
Por mim todo o mundo espera
Só eu não posso temperar
Como meu irmão tempera.

Vinho e vinagre.

Toda a gente tem
E não gosta de ter
Gosta d'char
E não quer perder.

Piolho.

Sou uma dama mui formosa
Dou passadas eguaes
Encostad'á um pausinho
Todo cheio de signaes.

Agulha.

Quem a tem é para vender
Quem a compra não a usa
Quem a gosa não a vê.

Mortalha.

O que é que é—
Que desfazendo-se á noite
Torna-se a desfazer pela manhã?

O vestir.

Sou uma dama mui formosa
Que como quanto me dão
Por falta de cosimento
Atiro com tudo ao chão.

Sou uma dama mui formosa
Delicada no comer
Mastigo e deito fóra
Engulir não pôde ser.

A serra.

Uma dama enfeitada
Outra dama a enfeitou
Tantos carinhos lhe fez
Até que a estrampalhou.

A mosca.

Q'al é coisa, q'al é ella:
Crúa não ha
E cosida não se come?

A cal.

Q'al a coisa, q'al é ella:
Quanto mais se tira
Maior fica?

A sepultura.

Q'al é coisa, q'al é ella:
E' branca não é papel
E' verde não é limão
E' vermelha não è sangue
E' preta não è carvão?

A Aurora.

Ave sou
Pennas não tenho

Capa d'avelha me cobre
Coitadinha sou tão pobre.

A avelã.

Q'al é coisa q'al é ella;
Que tem a bocca no pê?

Cabaça.

Amigo, meu grande amigo
Vamos para a nossa cama
Fazer o que Deus N. S. mandou
Juntar pello com pello
Ficando o rapadinho no meio.

O somno.

Triumphante sahiu do ninho
Sem ter azas voou
Deu parte q'era nascido
Quando alfandega chegou.

O traque.

Que é que é:
Quando sai de casa
Vai com a bocca virada p'ra casa

Quando vem do monte
Vêm com a bocca virada p'r'omonte?

A arma.

Sou tysica de nação
E como quanto me dão.

*

Sou uma dama mui formosa
Toda de branco vestida
Quando me vejo luzenta
Choro d'arrependida.

*

Lá vem nossos paes abaixo
Maridos de nossas mães
Pais dos nossos meninos
Nossos maridos leaes.

A vella.

Sou um velho encolhido
Ao pê das meninas estou estendido
Ao pê d'ellas é que eu estou bem
Dou-lhe d'aquilo que tenho
E tiro-lhes o q'ellás tem.

O leque.

Qual é a ave excellente
Que não tem peitos e cria
Dá alimento aos vivos
É alegria aos mortos

A cera.

Que é que é:
Que verde se come
E maduro não.

O pepino.

Q'al é coisa q'al é ella
Que vai a andar
E só faz duas pegadas?

Um carro.

Q'al é coisa q'al é ella
Q'as mulheres tem de dia como uma
escada,
E de noite como uma tripa.

O atacador.

Q'al é coisa q'al é ella:
Que quanto mais alto está
Melhor se lhe chega?

A agua no poço.

Quaes são os moradores:
Que se um errar a porta, erram todos,
e quando entram vão d'esguelha e
ficam a um canto da casa?

O botões.

Branca foi minha mãe
Verde foi meu nascimento
Eu de lucto me vesti
Para dar luz ao mundo
Mil tormentos padeci!

A azeitona.

Para andar põe-me capa
Sem capa não posso andar
Para andar me querem pôr
E me tirão p'ra parar.

O pião.

Tenho um brinco com que brinco
Que de brincar endoudece
Quanto mais o brinco brinca
Quanto mais o brinco cresce.

O fuso.

